

Submarinos alemães ou norte-americanos nos malafogados de Sergipe (1942-1945)?*

Luiz Antônio Pinto Cruz

Doutorando em História Social do Programa de Pós-Graduação em História/FFCH-UFBA.

Lina Maria Brandão de Aras

Doutora em História pela USP, professora do Programa de Pós-Graduação em História/FFCH-UFBA.

RESUMO

Os submarinos estrangeiros, os navios brasileiros e o litoral sergipano são lugares da memória em que se entrelaçam às ações militares, ao drama dos naufragos e às apropriações dos arcajuanos no tempo da Segunda Guerra Mundial. Este artigo realiza uma reflexão histórica sobre as diferentes interpretações sociais construídas em torno do torpedeamento naval e como essas memórias geraram vários embates políticos no regime ditatorial de Getúlio Vargas.

PALAVRAS-CHAVE: memória, submarino, costa do Brasil

ABSTRACT

The foreign submarines, Brazilian ships, and the Sergipe's coast are places of memory that intertwine military action, the drama of the castaways and appropriations of arcajuanos in the World War II time. This article provides a historical reflection on the different social interpretations built around naval torpedoing and how those memories have generated several political clashes in the dictatorship of Getúlio Vargas.

KEYWORDS: memory, submarine, coast of Brazil

A guerra chegou, materialmente, ao Brasil(...). Não nos iludamos, pois o nosso "Pearl Harbor", aí está, com todas as suas consequências.

Correio de Aracaju. 1/9/1942.¹

INTRODUÇÃO

As novas gerações brasileiras se acostumaram a pensar a Segunda Guerra Mundial como uma "realidade distante" de suas fronteiras, de suas vidas e de suas histórias. Graças aos filmes estrangeiros e às publicações especializadas, são bem conhecidas as batalhas travadas entre eixistas e aliados em Europa, África, Ásia e Oceania, mas desconhecem os embates sofridos pelos compatriotas no tempo da Batalha do Atlântico. Alguns estudos também contribuíram para o seu desconhecimento ao simplificar o papel do Brasil no maior conflito global, classificando-o como uma "participação simbólica", "uma beligerância ape-

* Artigo recebido em 29 de abril de 2013 e aprovado para publicação em 17 de maio de 2013.

nas nominal”, “uma sombra da guerra”, enfim, “uma guerra sem guerra”. No entanto, algumas realidades costeiras evidenciam que os brasileiros enfrentaram em vários momentos, especialmente nos anos de 1942 e 1943, os ardores da guerra submarina em seu mar territorial.

A ação militar do submarino alemão U-507 na costa de Sergipe e da Bahia é emblemática na História Contemporânea do Brasil. Sob o prisma da micro-história, a temática dos torpedeamentos foi analisada a partir de um corpus documental variado (jornais sergipanos, documentos oficiais, iconografia, acervos particulares, memoria-listas, entre outros) e, por fim, cruzaram-se esses dados com as entrevistas e a revisão literária. Foi preciso sair do centro das abordagens tradicionais e vir para as áreas marginais: o litoral nordestino, as praias sergipanas, as histórias dos aracaJuanos, os dramas dos naufragos.

A partir do centro político-administrativo do país, irradiava-se a verdade, à qual eram comparados todos os erros, desvios da oposição ou diferenças regionais – por isso, o historiador tradicional podia legitimamente situar no centro de sua escrita uma história “autêntica” e “total”.² Assim, o que escapava ao seu olhar era apenas “resto” supérfluo, “sobrevivência” anacrônica, “silêncio” cuidadosamente entretido ou “ruído” sobre o qual se evitava falar.³ Por onde passou, o U-507 deixou rastros de dor, de morte, de aflição, de traumas, enfim, de histórias traumáticas, por isso não se pode separar o “Brasil” da História da Segunda Guerra Mundial.

Atualmente, ainda se tem muito a fazer para reconhecer a importância do litoral nordestino no tempo da Batalha do Atlântico e da aquavia integradora do Rio São Francisco como uma rota de fuga no tempo da Guerra Submarina. Se quisermos compreender o abrasileiramento da Segunda Guerra Mundial não se pode desvencilhar “o social” do “militar”, ou vice-versa. Talvez a habilidade mais importante para quem se interesse por essa temática seja perceber uma guerra onde aparentemente ela não existe. Uma verdade que anseia atingir um inimigo invisível que se deseja ver, objetos flutuantes que escorregam por entre os de-

dos. Para se navegar nesse mar de subjetividades, as fontes podem ser comparadas a um farol que ilumina o caminho do historiador e exige um esforço metodológico dos nautas, que se aventuram a pesquisar a sociedade brasileira no tempo do Estado Novo.

Portanto, a região litorânea de Sergipe se tornou “objeto de atenção” porque foi um *locus* privilegiado para se visualizar as representações construídas sobre o mundo atlântico da guerra. Para Roger Chartier, as lutas de representação têm tanta importância como as lutas contra o nazifascismo e a ditadura varguista, pois elas permitem compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.⁴ Portanto, a história não é inocente e pura, ela também pode estar a serviço de quem conta ou de quem está no poder.

O olhar do historiador precisa se voltar para as margens, onde encontrará os restos dos navios naufragados no tempo da Segunda Guerra Mundial. Eles evidenciaram como o litoral do Brasil é um lugar de muitas histórias. Ao aproximar a lente para a microrregião costeira de Sergipe, os relatos dos sobreviventes e as memórias dos aracaJuanos ganharam mais valor e sentido. Então, várias informações brotaram dessas novas significações. No entanto, é preciso que se cruzem múltiplos pontos de vista, pois estes revelam a Guerra Submarina a partir das suas margens ou do exterior – múltiplas faces, reciprocamente novas, estranhas, desconhecidas e assustadoras. Essa tomada de consciência em relação à importância da “história invertida” (do centro para a margem) é, ao mesmo tempo, “fragmentada” (multiplica os pontos de observação), como também alerta para a compreensão metodológica das fontes que flutuaram do mar em guerra para o universo social dos aracaJuanos.⁵ Mais do que salvados, os destroços dos naufrágios que deram às praias sergipanas materializaram a maior operação nazista na América do Sul. Entre os aracaJuanos, os salvados foram denominados de “malafogados”, mas essa palavra se encobre de outros signos que serão avaliados mais adiante.

A HISTÓRIA A SERVIÇO DE QUEM CONTA

Sob um oceano de suspeitas, um “submarino desconhecido” atacou os navios *Baependi*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo* na costa de Sergipe entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942. Após essas hostilidades, os nautas ainda afundaram os *Arará*, *Itagiba* e *Jacira* no litoral baiano. Após os naufrágios, as vítimas relataram que os inimigos acenderam holofotes e metralharam quem estava à deriva. Em seu conjunto, os torpedeamentos ceifaram a vida de 600 pessoas. As histórias do litoral nordestino alimentaram várias suspeitas e despertaram manifestações sociais nas principais cidades brasileiras. À época, não se tinha uma plena convicção da nacionalidade dos agressores marítimos. Coube às autoridades varguistas a revelação: “Não há como negar que a Alemanha (a Itália) praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América”.⁶

Em tempos da ditadura do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, os brasileiros se dividiram em relação à autoria dos torpedeamentos. Eles desconfiavam das notícias emanadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Um tempo de intolerâncias múltiplas, onde o regime ditatorial proibiu a liberdade de expressão e publicava o que era do interesse do governo federal. Desta forma, as informações oficiais eram tendenciosas, manipuladoras e ideológicas. Por esta razão, alguns grupos sociais não acreditaram que submarinos alemães ou italianos vieram da Europa, atravessaram todo o Atlântico e afundaram os vapores nacionais. Em Sergipe, os censores do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (Deip) condenavam essa recusa interiorizada e tentavam identificar os autores anônimos dos boatos desordeiros.

Há quem diga em público que o atentado corre por conta de submarinos americanos ou ingleses. Tudo isso revela, o jogo da quinta-coluna em suas formas mais insidiosas e mais venenosas. Denunciamos aqui esse jogo. Os

submarinos que afundaram os navios brasileiros até agora sempre foram teutos. Submarinos ceifadores de vidas brasileiras, assaltantes embaçados nos mares traiçoeiros empreitadores da morte e da destruição, na covarde tocaia sem fim daquilo que o “eixo” denomina inconscientemente de Guerra Submarina.⁷

Acusar os americanos ou ingleses pelos torpedeamentos era um jogo do quinta-coluna, os chamados de “traidores da pátria”. Mais do que isso, era uma prática da elite intelectualizada antivarguista: comunistas, anarquistas, integralistas, liberais, estudantes e estrangeiros. O alemão Kurt Michel⁸, detido pela Chefatura de Polícia de Sergipe, ao ser interrogado sobre as agressões dos submarinos nazistas, ele afirmou que “acredita não terem sido submarinos alemães que torpedearam os navios brasileiros, porque alemães não matam crianças, nem corresponde ao sentido de honra do soldado alemão”.⁹ Há uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe.¹⁰

Afinal, como os “submarinos alemães” se transformaram em “americanos” no imaginário coletivo dos aracajuanos? Como nasceu essa desconfiança coletiva? No interior da sociedade sergipana se encontravam versões que atendiam aos diferentes interesses políticos. Entre a realidade e a ilusão, cabe ao historiador entender o processo de construção e apropriação. De acordo com Paul Thompson, “a descoberta de distorção ou de supressão numa história de vida, uma vez mais é preciso ressaltar, não é puramente negativa. Até mesmo uma mentira é uma forma de comunicação”.¹¹

Acusar os norte-americanos não era apenas uma “mentira política” ou uma “forma de comunicação”, mas também uma maneira de atacar a imagem carismática de Getúlio Vargas perante a opinião pública e, conseqüentemente, afetar as bases de sustentação do regime varguista. Mais do que receber naufrágos traumatizados, sepultar dezenas de mortos e temer uma invasão na-

zista, a cidade de Aracaju também foi o local onde nasceu o “boato norte-americano”. Então é preciso compreender como originou a suspeita. Após os torpedeamentos os cidadãos estavam sensíveis às histórias que vinham do mar, à movimentação de forasteiros em suas praias, enfim, aos sinais da guerra marítima. Eram tantos entulhos na areia da praia (malas, caixotes, mercadorias avariadas, material do navio, entre outros), que os aviões do Aeroclube de Sergipe não conseguiam aterrissar, e quanto mais se investigava os salvados mais suspeitas eram levantadas pela elite intelectual e publicadas nos diários locais.

Em 19 de agosto de 1942, o *Correio de Aracaju* noticiou o aparecimento de uma baleeira norte-americana, do navio *SS George Clymer*, na praia da Barra dos Coqueiros, portando muitos objetos suspeitos. A ronda policial alarmou os moradores da ilha, pois se acreditava na presença de estrangeiros na região. De acordo com o jornal,

A bordo dessa embarcação, a autoridade policial da Barra – Sr. Antônio Prudente – encontrou os seguintes objetos: uma pequena metralhadora portátil com bastante munição, um foguete de sinalização, 3 bússolas, sendo uma pequena, outra maior e uma grande, ainda encontra aquela autoridade mantimentos, bastantes para 30 dias, bem como 2 barris com água, uma carta de navegação, uma carteira de piloto, com um recibo de sindicato da classe, e ainda as seguintes peças de vestuário: 1 paletó de mescla, 1 pedaço de lona escura, cosido em forma de saco, 1 calça de marujo, também de mescla, 1 blusa de flanela azul-marinho, bastante espessa, com vários orifícios, 1 caneca de aghata, 1 pedaço de lona, com ilhozes de metal amarelo, tendo a uma das extremidades a inscrição “S.S. George Clymer”. Ainda 2 calças de brim de ótima qualidade (...) 1 calção e 1 camisa seda, completamente aos farrapos.¹²

Por que essa baleeira apareceu na Praia da Costa, no município da Barra dos Co-

queiros, se o navio *SS George Clymer* não foi torpedeado pelo U-507? O barco carregava suprimentos alimentares e bélicos, mas onde se localizavam os seus tripulantes? O que a Marinha do Brasil poderia esclarecer sobre os naufrágios na costa brasileira no tempo da Segunda Guerra Mundial? Em diálogo com pesquisadores navais, ampliamos o olhar para essa misteriosa aparição. A carga encontrada (armamento pessoal para proteção dos naufragos, roupas e sinalizadores) evidencia que se tratava de uma embarcação salva-vidas. O que motivou esse naufrágio? O que aconteceu com os seus tripulantes? Será que eles não resistiram à exposição ao mar ou foram metralhados pelos seus inimigos? Sem sinais de violência no barco, acreditava-se que as pessoas a bordo foram resgatadas em alto-mar.

Em busca de respostas mais coesas para essas questões, encontramos nas análises navais de James P. Duffy um manancial de informações sobre os momentos finais do *SS George Clymer* no Atlântico Sul. Conforme suas ponderações:

The American Liberty ship *George Clymer* was launched from the Oregon Ship Building Company's Portland yard on February 19, 1942. She was one of 330 Liberty ships built at the yard during the war, and was delivered for service on April 8, 1942. Soon after, she sailed from Cape Town. She passed through the Panamá Canal without incident and sailed into the Atlantic heading south. On May 30, when she was about 400 miles from de Ascensions, and just beyond the air cover offered by the air base there, the freighter's main shaft and thrust block bearings split, leaving her without the ability to move under power. She immediately sent out an SOS, giving her present position. The distress signal was responded to by Cape Town, but the freighter heard little else.

Unable to maneuver under her own power, the *George Clymer* was under control of the ocean currents and during the next few days drifted more than 200 miles

from her original position. On June 2, another SOS was broadcast in the hope there was a ship nearby that could lend a hand. This time the signal was picked up by the Michel. The freighter was about 900 miles to the north. Ruckteschell considered the possibility that it was a trap, but decided to investigate. En route to the George Clymer's location, the Esau was lowered into the water and sent ahead of the raider.

The torpedo boat arrived near the freighter on June 6, and found just what had been reported, a loaded Liberty ship adrift. The Esau fired her two torpedoes into the freighter and then withdrew just beyond the horizon to await events. In a sorry case of everyman for himself, several members of the crew quickly lowered boats and abandoned ship without waiting for orders. Left behind were the remaining the George Clymer's single gun.

The following morning, with the freighter still afloat, the crewmen returned to her, and the attempt to make repairs continued. Later that morning a British reconnaissance plane flew over and reported that help was on the way. Early that evening the British Armed Merchant Cruiser Alcantara, arrived to remove the crew. Because the Liberty ship was too damaged to be able to be towed into port, she was sunk by the AMC. Believing the torpedoes had been fired from a U-boat that might still be in the area, the Alcantara left the scene hastily, which was good judgment because minutes later the Michel approached the position just in time to see the twin masts of the AMC rushing off.¹³

Danificado e à deriva, a tripulação do SS *George Clymer* baixou as suas baleeiras e resolveu abandoná-lo. O navio inglês *Alcantara* recolheu esses naufragos e os barcos salva-vidas se dispersaram pelo Atlântico Sul. Um deles seguiu, ao sabor das ondas, até a praia da Barra dos Coqueiros, tornando-se popular entre os aracajuanos

pelos seguintes razões. 1 – O barco salva-vidas se misturou aos destroços dos navios brasileiros torpedeados pelo U-507 na costa sergipana; 2 – Os moradores da Ilha dos Coqueiros ficaram amedrontados com a aparição; 3 – Como se tratava de uma baleeira enorme e com inscrições estrangeiras, as autoridades policiais ficaram apreensivas com a possibilidade de desembarque inimigo nas praias; 4 – Havia uma arma portátil a bordo dela, e, como já foi dito, os naufragos dos navios torpedeados foram metralhados pelos agressores estrangeiros. Esses aspectos demonstravam como os aracajuanos estavam integrados ao mundo da Batalha do Atlântico. Por não saber os limites de uma guerra submarina e por carregar um forte sentimento de vulnerabilidade, a baleeira despertou muitas suspeitas dos repórteres, militares, comunistas e estudantes.

Como título "Chegou a Baleeira", o *Correio de Aracaju* apresentou novos detalhes sobre o barco, que foi encaminhado à Capitania dos Portos de Sergipe e gerou expectativa entre os cidadãos. "Quando íamos encerrar a nossa edição de hoje, chegava a este porto, puxada pelo Rebocador *Coió*, a baleeira que apareceu na praia da Barra dos Coqueiros com a inscrição *SS Clymer*. Um caminhão foi buscá-la na praia até defronte desta capital".¹⁴ Novos objetos foram encontrados: um maço de recibos de um sindicato, todos com o nome W. Hadmmond, e um cartão impresso, com os seguintes dados: "Sam L. Levison. Attonney At Law. 1602 Northern Life Tower. Seattle Ellioto 626".¹⁵

A desconfiança com os norte-americanos prosseguiu. Em 1º de setembro de 1942, uma bota apareceu na praia de Atalaia Velha e ganhou destaque no *Correio de Aracaju*. Diante de tantos salvados recolhidos, por que aquele calçado conquistou espaço na imprensa local? De acordo a nota:

Em plena costa sergipana, o subdelegado de polícia do povoado Atalaia Velha, na sua ronda habitual, encontrou um pé de bota, todo de borracha. É de cano bem alto, do tamanho da perna de um homem de estatura normal, número 41 calculadamente. É de cor amarela e em regular estado de

conservação. Na parte externa do cano, têm-se a etiqueta: Ozark Ripley – Made in U.S.A.

Não se sabe a procedência ou os motivos que originaram a aparição desse objeto. Alguns “entendidos” opinam que pertence a algum dos navios torpedeados. Porém, nada de exato se sabe ao certo, reinando uma atmosfera de mistério em torno do fato. Afinal, quem será o dono da Bota?¹⁶

Pela leitura da reportagem, é possível perceber que o litoral sergipano se tornou um lugar privilegiado para se discutir histórias de conspirações e traições. Esta primazia transformou uma bota em implicações políticas maiores. Depois de lançar várias pistas de se tratar de um objeto proveniente dos Estados Unidos, o jornal queria fazer o leitor pensar em outras possibilidades interpretativas. Afinal, quem seria o dono da bota? Diante de milhares de destroços que chegaram às praias sergipanas, por que ela sobressaiu e tornou-se caso de polícia? A bota poderia indicar o responsável pelas agressões marítimas.

A baleeira, a bota e, até mesmo, a mentira podem ser analisadas dentro de um olhar micro-histórico, pois a suspeita dos araca-juanos de que o submarino agressor era norte-americano não se voltou apenas para o seu mundo social, mas também para as questões sociopolíticas do tempo do Estado Novo. Ricardo Seitenfus afirmou que após a Segunda Guerra Mundial ocorreram tentativas de considerar a Marinha de Guerra dos Estados Unidos responsável pelas perdas sofridas pela Marinha Brasileira.¹⁷ Evidências documentais sergipanas demonstraram que a desconfiança com os norte-americanos não nasceu no pós-guerra, mas no calor da emoção dos torpedeamentos, na cidade de Aracaju.

Quem registrou os pormenores dos naufrágios na costa do Brasil foi o jornalista Mauro Santayana¹⁸, que encontrou o diário de bordo do submarino agressor, quando era correspondente do *Jornal do Brasil*, na Alemanha. Graças às suas investigações, os brasileiros descobriram, em 1971, que o “submarino desconhecido” era alemão e

chamava-se U-507, capitaneado por Harro Schacht. O jornalista Mauro Santayna concedeu o seguinte depoimento sobre os bastidores desse achado documental:

O diário de Schacht me chegou às mãos depois de exaustiva pesquisa nos arquivos alemães de Coblenz, e é apenas um dos documentos importantes. Ele foi o responsável pela caça maior, aí, na costa de Sergipe, mas outros submarinos, alemães e italianos, puseram a pique dezenas de navios brasileiros em todos os mares do mundo, até mesmo no Mediterrâneo.¹⁹

Enquanto a suspeita da autoria norte-americana permaneceu, muitos historiadores preferiram silenciar-se sobre o assunto ou conduziram suas análises de forma a transparecer sua desconfiança. “Certos tabus criam raízes que, ao longo do tempo, se contorcem, estrangulando pequenos brotos que mal conseguem alcançar a luz. Invisíveis a olho nu, transformam-se em mitos entregues ao sabor de interesses. Do mito à razão vai um passo”.²⁰ Historiar o principal acontecimento militar que levou o Brasil à Segunda Guerra Mundial parecia ser proibido e/ou impensado entre os brasileiros, pois as opiniões conflitantes se transformaram em tabu.²¹

Os silêncios sobre algumas temáticas da Era Vargas, a falta de transparência do poder estadonovista, o temor de uma ação imperialista dos EUA e o desprezo em reconhecer a guerra submarina do Eixo negligenciaram o desenvolvimento de uma interpretação histórica múltipla a respeito de como a Segunda Guerra Mundial chegou ao Brasil. Os pesquisadores civis ignoram ou ainda insistem em suspeitar dos submarinos norte-americanos. Por esta razão, as Forças Armadas avançaram em seus estudos sobre a guerra submarina no Atlântico Sul, enquanto os historiadores sociais começaram a desenvolver suas pesquisas regionais somente nas últimas décadas. Refletir sobre um assunto antes de conhecê-lo era estupidez, e a mídia continuou a despertar intrigas com os militares, no afã de vender seus produtos jornalísticos. De acordo com Plínio Pitaluga,

hoje ainda, e infelizmente, a falta de maior atividade da nossa mídia, em fase que continua a desafiar a ignorância histórica, subsiste a lenda de que os submarinos aliados, americanos e ingleses, com a finalidade de forçar o Brasil a declarar guerra ao Eixo, teriam torpedeado os nossos navios, numa ação que, se realizada por aliados tradicionais e leais, seria vil e covarde. Nada mais inverídico.²²

A historiografia brasileira ajuda a entendermos as circunstâncias dos torpedeamentos na costa nordestina, como também os aspectos políticos criados pelo Estado Novo e pela Política da Boa Vizinhança. Para Gerson Moura²³, o ano de 1942 foi de importância vital para as relações Brasil-EUA, pois foram tomadas decisões pelo Governo Vargas, entre janeiro e agosto daquele ano, no sentido de aproximar-se e, finalmente, alinhar-se à política norte-americana. O Brasil desenvolveu uma política de barganha arriscada, assinando acordos com os EUA.

Com um olhar desarmado das paixões partidárias e livre dos estereótipos políticos criados para Getúlio Vargas, o historiador consegue aprofundar suas pesquisas e renovar a sua visão sobre essa batalha naval no tempo do Estado Novo. Para Ricardo Seitenfus, “apesar da escassez de pesquisas históricas sobre a guerra marítima contra a marinha mercante brasileira, existem indicações sobre as atividades da marinha de guerra do Eixo”.²⁴

A maior lição deixada pelos sucessivos torpedeamentos foi a de despertar uma consciência coletiva de que a guerra chegou ao mar territorial do Brasil. Lçar essas histórias na atualidade significa evidenciar como elas foram marcantes para geração contemporânea dos torpedeamentos. Para se aprofundar nesta temática, um dos caminhos é destacar as leituras sociais, pois os inimigos navais despertaram diferentes impressões entre os brasileiros. Para Jardilino Marques, “o submarino vinha da Alemanha e dos países favoráveis à Alemanha, que estava em contato com a Alemanha na guerra, para tomar o universo, porque ela queria to-

mar tudo. A Alemanha só queria ser Alemanha e mandar no mundo, mas não pode ser assim”.²⁵

Graças aos torpedeamentos, o termo “submarino” se popularizou entre os sergipanos. Em nossas andanças pela zona costeira estadual, encontramos João Martins do Nascimento²⁶, no povoado Pontal, município de Indiaroba/SE. Ele nos recebeu em sua casa, à beira do Rio Real, região fronteira entre Sergipe e Bahia, onde nos revelou as seguintes memórias:

Aqueles torpedeamentos ocorreram na 2ª Guerra da Alemanha. Eu nasci na 1ª Guerra da Alemanha. (...) Agora, a 1ª Guerra da Alemanha não veio agravar nada aqui. Agora, a 2ª veio. Porque a 2ª Guerra da Alemanha foi de Hitler [falou enfaticamente o nome de Hitler!]. Então, essa 2ª Guerra atingiu Aracaju. Porque (...) dois ou três navios foram torpedeados. O Aníbal Benévolo, o Araraquara e o Baependy! Foi tudo [afundado] de uma noite para outra.

(...)

O submarino era aí no oceano pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. La no sul, ia no norte. E quando eles [os tripulantes do submarino] receberam sua missão, torpedearam de quatro a cinco navios de uma vez só. Esse povo veio dar na costa de Mangue Seco e Coqueiro. E alguns ainda vieram por aqui [povoado de Pontal]. Atravessaram de canoas de vela, com destino a Estância, para pegarem o transporte para Aracaju.²⁷

De acordo com as impressões de João Martins do Nascimento, a 2ª Guerra da Alemanha atingiu o Brasil. Nas colônias de pescadores, o homem comum sabia explicar, a seu modo, o que aconteceu no “tempo de Hitler”. A campanha submarina do Eixo no Atlântico Sul trouxe novas implicações à população costeira do Nordeste. Antes de compreender esse tempo de beligerância, urge entender as significações da palavra “torpedear”. No mundo da Marinha de Guerra se traduz simplesmente em “lançar torpedos contra” ou “destruir por meio de tor-

pedos". É uma ação submarina que atende aos propósitos de uma logística militar pré-estabelecida. Na leitura escalar da micro-história, esse termo náutico possui outras denotações. Mais do que afundar navios, o ato de torpedear gera implicações sociais bem amplas: a história do navio não se apaga quando ele é tragado pelo mar; a experiência vivida pelos sobreviventes perpassa o tempo eventual em si; os familiares e os amigos dos naufragos também se sentem atingidos; o medo do desconhecido alimenta o imaginário social; e, por fim, as agressões navais tendem a despertar conflitos e alimentar o caos.

Sucessivos afundamentos de navios brasileiros foram registrados em águas internacionais ao longo da Segunda Guerra Mundial. Na costa do Brasil, a primeira área atlântica afetada com as investidas nazistas foi o litoral de Sergipe, entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942. Outras justificativas para a escolha desse recorte espacial foi a grande incidência de torpedeamentos nos anos de 1942 e 1943; a Marinha Mercante atingiu o número de 972 mortos na guerra marítima, sendo que mais de 50% perderam as suas vidas em águas sergipanas; a cidade de Aracaju foi alçada à condição de vítima da Guerra Submarina; e, por fim, os ataques navais do U-507, em Sergipe e na Bahia, tiveram grande peso no reconhecimento do Estado de Beligerância em todo território nacional (22 de agosto de 1942) e na Declaração Brasileira de Guerra à Alemanha e à Itália (31 de agosto de 1942).

As balizas cronológicas traçadas dialogam também com a perspectiva escalar da micro-história. A baliza inicial tem como marco a declaração brasileira de rompimento diplomático com o Eixo, em 28 de janeiro de 1942, pois este ato tirou a condição de neutralidade do país e tingiu de beligerância os navios nacionais. A baliza final estabelece como limite o dia 4 de maio de 1945, quando os comandantes dos *U-boots* receberam ordem do Almirante Karl Dönitz, então novo Führer, de capitularem: "Todos os submarinos. Atenção, todos os submarinos. Cessar fogo imediatamente. Suspender toda ação hostil contra navegação aliada".²⁸

Ao elegermos a "Guerra Submarina na costa de Sergipe (1942-1945)" como objeto de estudo privilegiou-se a problemática da população costeira frente aos atentados no mar. Em amplas variações escalares, o "evento bélico naval" se transformou em "tragédia sergipana", que, por sua vez, ganhou "projeção nacional": o Brasil foi atacado pelo Eixo em seu mar territorial. Então, no dia 18 de agosto de 1942, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) apresentou a nota que circulou nos quatro cantos do país.

Pela primeira vez as embarcações brasileiras, servindo o tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro – sofreram ataque dos submarinos do Eixo. Nestes três últimos, foram afundados em Sergipe os vapores "Bependy" e "Aníbal Benévolo" do Lloyd Brasileiro e o "Araraquara" do Lloyd Nacional S.A. O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha Mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e distante do teatro de guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e humanidade. O nosso país dentro de sua tradição não se atemoriza diante de tais brutalidades e o Governo examina quais as medidas a tomar em face do ocorrido. Deve o povo manter-se calmo e confiante na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e bens dos brasileiros.²⁹

A nota permite visualizar que o "inominável atentado" criou uma configuração de beligerância no horizonte oceânico nacional. Até então, prossegue a nota, o país vivia "à margem e distante do teatro de guerra". Qual é o lugar do Brasil na História da Segunda Guerra Mundial? Por que o nordeste brasileiro voltou a ganhar importância geoestratégica no tempo do Estado Novo? Por que a imagem de Sergipe foi construída pelos intelectuais como um lugar distante dos brasileiros? O que justifica o silêncio dos historiadores sobre a Guerra Submarina

na Costa de Sergipe? Como um medo típico do mundo naval se alastrou para a realidade social dos aracajuanos? Como se deu o processo de apropriação e ressignificação do atentado nazista? De que maneira uma abordagem micro-histórica ajuda a interpretar socialmente os embates marítimos? Enfim, como interpretar tantos torpedeamentos sem ser repetitivo? Essas são questões formuladas para a compreensão do evento bélico e sua relação com a sociedade sergipana naquele momento. Diante de tais indagações, não temos a pretensão de responder a todas as perguntas, mas apontar caminhos e desenvolver algumas reflexões.

Dentro de uma perspectiva escalar, estudaram-se as repercussões dos ataques dos submarinos alemães no interior da cidade de Aracaju. Jaques Ravel apontou as principais contribuições de uma abordagem micro-histórica.

Para mim o mérito da micro-história foi o de ter nos obrigado a refletir sobre o trabalho que vínhamos fazendo quase de maneira normal sem nos colocarmos questões. Espero que possa ter funcionado desta maneira também para outros. O livro “Jogos de Escala” possui uma função que eu diria propositiva, mas também uma função de estimular uma crítica às formas de se fazer a história social. Não desejo de maneira nenhuma que todos se tornem historiadores da micro-história, primeiro porque o que considero de mais interessante na micro-história é a variação de escalas proposta. Desta forma estou de acordo que se faça também um macro e uma meso história, de maneira que se possa complexificar e não simplificar a compreensão da sociedade. Por isso, sim à micro-história, mas não somente ela.³⁰

Entre idas e vindas, o olhar escalar ora ampliava ora reduzia numa inter-relação entre o micro (a cidade de Aracaju e sua costa atlântica), a meso (as práticas varguistas no tempo do Estado Novo), e a macro (a campanha submarina durante a Segunda Guer-

ra Mundial). Essa articulação entre o todo e a parte, o exterior e o interior, a superfície e as profundezas fazem lembrar a simbologia do “olho do periscópio”, que capta pequenas informações e, ao reuni-las, consegue desenvolver leituras e ações mais amplas. Ao elegermos a costa de Sergipe como campo de análise, como escala de uma investigação, não se perdeu de vista outras margens atlânticas, os interesses das nações beligerantes, que ultrapassaram as ações militares e atingiram a população civil.

AS MEMÓRIAS MALAFOGADAS DOS ARACAJUANOS

Situada em lugar estratégico, às margens do estuário do Rio Sergipe e no meio da costa atlântica, a região portuária de Aracaju era um importante centro exportador e importador³¹. Desde o Segundo Império até as primeiras décadas da República, acreditava-se que a região do Vale do Cotinguiba tinha uma “vocalização naval”. No entanto, o comércio fluvial-marítimo para essas águas não era nada fácil, pois os navios a vapor, que se aventuravam por lá, enfrentaram vários obstáculos como: assoreamento dos rios, baixo calado, dependência das marés, instabilidade da barra de acesso, péssimas condições climáticas no inverno, imprudência dos navegadores, má orientação de práticos e problemas estruturais do barco.

Os obstáculos naturais e técnicos do mundo naval aracajuano prosseguiram até os anos de 1940. Nessa época, o submarino alemão U-507 teve o poder de suspender a navegação a vapor para Sergipe, pois na noite do dia 15 para 16 de agosto de 1942 o referido U-boot afundou sequencialmente três navios mercantes: *Baependy*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*. No ano seguinte, os nautas nazistas retornaram e afundaram mais três navios. Com inimigos navais se movendo próximo a sua localização, Aracaju se transformou em uma Cidadela dos Malafogados.

A situação de beligerância nos fez adotar a palavra “cidadela”: *lugar aquartelado* onde se alojaram tropas militares no estabelecimento da defesa antissubmarina; *centro* de socorro, de busca e de assistência aos náu-

fragos; *cenário* de enfrentamentos, mortes e sobreviventes; *território* do medo; *área atlântica* que reuniu os salvados que deram à costa sergipana; *local de trabalho* do Capitão de Corveta Gentil Homem de Menezes, donde ele expedia suas ordens aos corpos que estavam subordinados; enfim, *pequena cidade* que se sente encurralada por um inimigo invisível no mar (o submarino) e outros, de múltiplas faces (o espião, o quinta-coluna, o integralista, o estrangeiro, etc.).

A outra palavra-chave, malafogado, o que significa? Um simples salvado que se desprende do navio naufragado (acidentalmente ou torpedeado) quando chegava às mãos dos aracajuanos não se encerrava em si mesmo, ganhava um significado social mais profundo. Alaíde Alves de Oliveira respondeu ao questionamento acima através da sua visão de mundo.

Malafogado? É quando tinha um navio, ele ficou encajado na boca da barra e teve que botar a carga tudo para fora. Então, o pessoal de noite, na praia 13 de Julho abria os caixotes e trazia as roupas. Aí é malafogado. Brinquedos, roupas, cama, charque... tudo da carga do navio eles botavam fora, que era pra ver se salvava o navio.³²

A pilhagem dos salvados não era uma prática nova entre os aracajuanos. No entanto, os sucessivos naufrágios de 1942 oportunizaram uma enxurrada de objetos à beira-mar. Contemporâneo de Alaíde Alves, Francisco Moura apresentou uma visão diferente de malafogado. Para ele, a palavra está associada à Segunda Guerra Mundial, especialmente ao tempo da guerra submarina alemã contra os navios mercantes brasileiros.

Com esses torpedeamentos aí dos nossos navios (...) boiava aqui no Mosqueiro. Lá tem um cemitério com cinco ou dez sepulturas desses que morreram tudo nos torpedeamentos, onde se encontravam corpos já corroídos de peixes, ferimentos, nus. Então, continuou essas coisas (...). Então, o grande problema foi o seguinte, este povo pobre, quando torpedearam os na-

vios aí. Então, deu na praia aqui: caixotes, cervejas, roupas, entendeu? Tudo isso boiou por aí né!? Então, esse pessoal pegava esses pacotes que apareciam na praia e levavam para suas casas: roupas, sapatos, tudo, tudo, tudo... O navio explodiu né!? Então ficou boiando por aí. Isso é malafogado.³³

Tanto Jardilino Marques como Francisco Moura e Alaíde Alves de Oliveira estavam certos em suas afirmações. Em suas palavras, "malafogado porque o navio se afoga, se afunda. Então tirava do navio, aí vinha malafogado. Era a roupa, o cascalho, a comida. Tudo, tudo que o pessoal aproveitava"³⁴. Diante das impressões das memórias coletivas, é também preciso atentar para o mundo da linguagem, ao universo das palavras e às memórias coletivas. De certo, malafogado é uma palavra aracajuana que traz consigo uma pluralidade de interpretações. O ato de escolhê-la se justifica pela importante significação para os homens e mulheres entrevistados, pois não se pode esquecer a sua importância como fonte para a compreensão da paisagem urbana, o poder do discurso, as representações, enfim, as escolhas do historiador.

Pelas escolhas que faz e pelas relações que estabelece, o historiador atribui um sentido inédito às palavras que arranca do silêncio dos arquivos. A apreensão da palavra responde à preocupação de reintroduzir existências e singularidades do discurso histórico, de desenhar a golpes de palavras cenas que são igualmente acontecimentos.³⁵

Ainda segundo Chartier, a apropriação, tal como a entendeu, tem por objetivo uma história social das interpretações remetida às suas determinações fundamentadas (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.³⁶ Neste sentido, a história dos malafogados deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se construiu um sentido (ou seriam vários?). Conceder, deste modo, atenção às condições e aos pro-

cessos praianos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido, “é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias de pensamento mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”.³⁷

Os estudos históricos do Brasil têm dado pouca importância às vivências da população costeira diante dos torpedeamentos. Em virtude disso, optamos por dar uma nova direção aos salvados que chegaram à praia. À primeira vista, esse material mais parecia lixo, entulho e resto, por esta razão, ele esteve à margem da história oficial. Escolhê-lo como “objeto de estudo” foi uma estratégia para perceber as respostas sociais. As ideias de Walter Benjamin também ajudaram a interpretar o mundo dos malafogados. Não se deve atentar a um destroço em especial, mas às histórias que emergem do conjunto deles, num todo inteiramente outro. Essa relação permite visualizar não apenas a catástrofe marítima, mas também a identidade dos arcajuanos. Portanto, “é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo”.³⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda se tem muito a estudar sobre o Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nas últimas décadas, o olhar do historiador brasileiro se voltou para os embates navais e as

transformações sociais geradas pela Guerra Submarina. Além do mais, os pracinhas também tiveram um importante papel no *front* italiano. Desde então, trabalhos acadêmicos foram escritos evidenciando uma releitura sobre o posicionamento do país no maior confronto da história.³⁹

O torpedeamento dos navios mercantes, a saga dos marinheiros nacionais, a ocupação dos *marines* no Nordeste, a ampla vigilância costeira da Marinha de Guerra e a participação dos pracinhas no *front* europeu demonstram a importância dos brasileiros na luta contra o nazifascismo. Na interpretação de Jardilino Marques, contemporâneo dos torpedeamentos, houve um abasileiramento da Segunda Guerra Mundial. Ele apresentou outra maneira de ver esse momento dramático, “a guerra é um sinal de perigo para toda geração”. E continua: “Diante do que se passou na guerra, dos torpedeamentos, de muita gente morrer e do avião bombardear submarino. O pessoal vivia assombrado. O pessoal vivia com medo. Então essas coisas o povo não pode esquecer porque é parte principal de uma geração”.⁴⁰

Entre os trópicos da América do Sul, o litoral de Sergipe é um lugar excelente da costa do Brasil para se historiar as operações dos submarinos alemães nos anos 1942 e 1943. Portanto, o acontecimento naval que levou o país ao maior conflito da história não pode ser esquecido porque marcou uma geração e abasileirou a Segunda Guerra Mundial.

LISTA DE FONTES

Fontes orais

Aláide Alves de Oliveira. Aracajuana, nasceu em 10 de novembro de 1925. Por ter sido casada com o prático Gilberto de Oliveira, ela nutre uma visão peculiar do mundo naval sergipano, as práticas dos malafogados e as praias arcajuanas.

Francisco Moura. Aracajuano, nasceu no dia 25 de março de 1923. Oficial do Exército da Reserva Remunerada e Professor de Matemática Licenciatura Plena. Adentrou a carreira militar no ano de 1942 e compartilhou informações sobre: a paisagem urbana da cidade; a ação repressiva do Esquadrão da Cavalaria; o mundo da Guerra Submarina no Nordeste; e a prática dos malafogados.

Jardilino Marques. Nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipa-

na formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942.

João Martins do Nascimento nasceu no povoado Pontal, município de Indiaroba, em 1914. Conhecido como Seu Joãozinho, exerceu várias atividades profissionais: pescador, roceiro, negociador, político, etc. Chegou a migrar para São Paulo, mas não se adaptou e voltou para vida simples às margens do Rio Real.

ARQUIVO DO JUDICIÁRIO DE SERGIPE

SANTIAGO, Enoque. Relatório do inquérito policial sobre o envolvimento dos estrangeiros nos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros. Departamento de Segurança Pública de Sergipe. Aracaju, 10 de outubro de 1942.

BIBLIOTECA PÚBLICA EPHIFÂNIO DÓRIA

Periódicos

Correio de Aracaju. Aracaju-SE (1942)

Folha da Manhã. Aracaju-SE, (1942)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Oswaldo. Declaração do Estado de Beligerância com a Alemanha e a Itália. Nota do Itamarati. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1942. In: *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1994.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245 p.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP. V. 5, nº 11, jan./abr.1991.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Atentado Nazista em Sergipe: a história dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros (1942-1945). In: *Revista de Aracaju*: PMA/Funcaju. Ano LX. nº 10, 2003.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. Submarinos Alemães e o Cotidiano de Aracaju. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju: IHGS. nº 40, 2010.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. Um sonho que naufragou. A história naval de Aracaju. *Cadernos UFS História*. São Cristóvão: Editora da UFS, jan/dez 2010.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. A guerra submarina na costa sergipana. *Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. nº 15, V. 128, 2012.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. "A guerra já chegou entre nós!" *O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945)*. Salvador: UFBA, 2012. (Dissertação de Mestrado em História Social – PPGH/UFBA).

DUFFY, James P. *Hitler's Secret Pirate Fleet: The Deadliest Ships of World War II*. Publicação original: Westport. Conn/Praeger, 2001.

DUBY, Georges. *A história contínua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

FERRO, Marc. *Os tabus da história: a face oculta dos acontecimentos que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Helio Leoncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. *História Naval Brasileira*. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1985

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. nº 5. Jun, 2005, V 5, p. 197.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003

HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil. A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MOUTINHO, Augusto César Machado. *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado em História Social. UFBA. Salvador, 2002.

MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 1991

PITALUGA, Plínio. Torpedeamento dos navios brasileiros – Uma lenda ainda em voga. *Revista do Clube Militar*. Ano LXXI, nº 349. Julho de 1998.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala – a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

SANTAYANA, Mauro & BALTAR, Tarcísio. Assim foi iniciada uma guerra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro-RJ, 8 a 10 de junho de 1971, p. 15.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 1^a de setembro de 1942, p.2.

² SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 261.

³ Idem.

⁴ CHARTIER, Roger, op. cit., p. 17.

⁵ Cf. DUBY, Georges. *A história contínua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

⁶ ARANHA, Oswaldo. Declaração do Estado de Beligerância com a Alemanha e a Itália. Nota do Itamarati. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1942. In: *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1994.

⁷ *Folha da Manhã*. Aracaju-SE, 26 de agosto de 1942, p. 2.

⁸ O alemão Kurt Michel, natural do Sudetos, região da Tchecoslováquia, empossada pela Alemanha Nazista, foi empregado da Fábrica de Tecidos São Gonçalo, na cidade de São Cristóvão.

⁹ SANTIAGO, Enoque. Relatório do inquérito policial sobre o envolvimento dos estrangeiros nos torpedeamentos dos cinco navios brasileiros. Departamento de Segurança Pública de Sergipe. Aracaju, 10 de outubro de 1942, p. 5.

¹⁰ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 18.

¹¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.191.

¹² *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 19 de agosto de 1942, p. 4.

¹³ O navio da Classe Liberty George Clymer partiu de Portland, dos pátios da Empresa de Construção Naval do Oregon, em 19 de fevereiro de 1942. Ele era um dos 330 navios da Classe Liberty construídos nessa companhia durante a Guerra; ele foi entregue para uso em 8 de abril de 1942. Logo depois, rumou à Cidade do Cabo. O navio passou pelo Canal do Panamá sem incidentes e navegou pelo Atlântico em direção ao sul. Em 30 de maio, a cerca de 400 milhas (aproximadamente 645 quilômetros) de Ascensions, e fora do campo de cobertura aérea oferecida pela base aérea de lá, os rolamentos do eixo principal e do bloco de apoio do cargueiro quebraram, impossibilitando-o de mover-se com o auxílio do motor. Imediatamente, um aviso de socorro, com sua localização, foi enviado. A Cidade do Cabo respondeu a esse sinal, mas o cargueiro pouco pôde captar.

Sem poder operar com o auxílio do motor, o George Clymer passou a ser controlado pelas correntes do oceano, e, durante os dias subsequentes, permaneceu à deriva, ficando mais de 200 milhas (cerca de 320 quilômetros) distante de sua posição original. Em 2 de junho, outro aviso de socorro foi transmitido, na esperança de que houvesse algum navio nas proximidades que pudesse auxiliar. Desta vez, o sinal foi captado pelo cargueiro Michel, que estava a cerca de 900 milhas (aproximadamente 1.450 quilômetros) ao norte. Ruckteschell considerou a possibilidade de o sinal ser uma armadilha, mas resolveu investigar. Ao rumar à posição do George Clymer, o Esaú foi baixado para dentro d'água e enviado à frente do corsário.

O barco-torpedo aproximou-se do cargueiro em 6 de junho, encontrando apenas o que havia sido reportado, um Liberty carregado, à deriva. O Esaú lançou dois torpedos contra o cargueiro, e então retirou-se para além do horizonte, para esperar pelos eventos. Tristemente, para cada um daqueles homens, vários membros da tripulação rapidamente baixaram as baleiras e abandonaram o navio, sem esperar por ordens. Para trás ficou o restante da única arma do George Clymer.

Na manhã seguinte, com o cargueiro ainda à deriva, os homens da tripulação retornaram a ele, e as tentativas de consertá-lo continuaram. Mais tarde, na mesma manhã, um avião de verificação britânico sobrevoou a área, e avisou que a ajuda estaria a caminho. No início da noite, o navio mercante armado britânico Alcântara chegou para remover a tripulação. Como o navio Liberty estava muito danificado para ser guinchado até o porto, ele foi afundado pelo Alcântara. Acreditando que o Liberty havia sido afundado por um submarino que ainda poderia estar rodeando a área, o Alcântara deixou a cena apressadamente; uma sábia decisão, pois, minutos depois, o Michel aproximou-se, ainda a tempo de ver os mastros gêmeos do Alcântara partindo rapidamente. DUFFY, James P. *Hitler's Secret Pirate Fleet: The Deadliest Ships of World War II*. Publicação original: Westport. Conn/Praeger, 2001, p. 171-172.

¹⁴ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 21 de agosto de 1942, p. 4.

¹⁵ Idem.

¹⁶ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 1^a de setembro de 1942, p. 4.

¹⁷ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 292.

¹⁸ SANTAYANA, Mauro & BALTAR, Tarcísio. Assim foi iniciada uma guerra. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro-RJ, 8 a 10 de junho de 1971, p. 15.

¹⁹ Depoimento do Jornalista Mauro Santayana ao Professor Luiz Antônio Pinto Cruz. Quarta-feira, 2 de novembro de 2005. Mauro Santayana foi colunista político do *Jornal do Brasil*, correspondente na Europa no período de 1968 a 1973. Ele foi um dos primeiros brasileiros a ter acesso aos documentos da *Kriegsmarine* sobre os torpedeamentos dos navios brasileiros.

²⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Prefácio. In: FERRO, Marc. *Os tabus da história: a face oculta dos acontecimentos que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 8.

²¹ *Ibidem*, 2003, p.9.

²² PITALUGA, Plínio. Torpedeamento dos navios brasileiros – Uma lenda ainda em voga. *Revista do Clube Militar*. Ano LXXI, nº 349. Julho de 1998, p. 14-15.

²³ MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 1991.

²⁴ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003, p. 292.

²⁵ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju/SE, 23 de agosto de 1999. Nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipana formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942.

²⁶ João Martins do Nascimento. Nasceu no povoado Pontal, município de Indiaroba, em 1914. Conhecido como Seu Joãozinho, exerceu várias atividades profissionais: pescador, roceiro, negociador, político, etc. Chegou a migrar para São Paulo, mas não se adaptou e voltou para vida simples às margens do Rio Real.

²⁷ Entrevista de João Martins do Nascimento ao autor. Povoado de Pontal, município de Indiaroba. 7 de julho de 2005.

²⁸ Capitão Herbert A. Wener apud HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil. A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 351.

²⁹ *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

³⁰ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. Nº 5. Jun, 2005, v 5, p. 197.

³¹ Ver CRUZ, Luiz Antônio Pinto & ARAS, Lina Maria Brandão de. Um sonho que naufragou. A história naval de Aracaju. *Cadernos UFS História*. São Cristóvão: Editora da UFS, jan/dez. 2010, p. 37-56.

³² Entrevista de Alaíde Alves de Oliveira realizada em Aracaju-SE, 04 de agosto de 2011. Aracajuana, nasceu em 10 de novembro de 1925. Por ter sido casada com o prático Gilberto de Oliveira, ela nutre uma visão peculiar do mundo naval sergipano, as práticas dos malafogados e as praias aracajuanas.

³³ Entrevista com Francisco Moura. Aracaju, 16 de janeiro de 2012. Aracajuano, nasceu no dia 25 de março de 1923. Oficial do Exército da Reserva Remunerada e Professor de Matemática Licenciatura Plena. Adentrou a carreira militar no ano de 1942 e compartilhou informações sobre: a paisagem urbana da cidade; a ação repressiva do Esquadrão da Cavalaria; o mundo da Guerra Submarina no Nordeste; e a prática dos malafogados.

³⁴ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

³⁵ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 9.

³⁶ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Algés: Difel, 2002, p. 26.

³⁷ Idem, pp. 26-27.

³⁸ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 208.

³⁹ FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005, p. 71.

⁴⁰ Entrevista de Jardilino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

